



Para o educador inglês, todo professor deveria atuar como um investigador para ser capaz de criar o próprio currículo

LAWRENCE STENHOUSE

## O DEFENSOR DA PESQUISA NO DIA-A-DIA

**É** impossível falar em professor-pesquisador sem citar o nome de Lawrence Stenhouse (1926-1982). A necessidade de utilizar a investigação como recurso didático já era discutida desde a década de 1930, mas foi esse inglês quem jogou luz sobre o tema, 30 anos mais tarde. “A técnica e os conhecimentos profissionais podem ser objeto de dúvida, isto é, de saber, e, conseqüentemente, de pesquisa”, justificava. Assim, acreditava ele, todo educador tinha de assumir seu lado experimentador no cotidiano e transformar a sala de aula em laboratório. E, tal qual um artista, que trabalha com pincéis e tintas e escolhe texturas e cores, o profissional da educação deveria lançar mão de estratégias variadas até obter as melhores soluções para garantir a aprendizagem da turma. Em condições ideais, todos seriam capazes de criar o próprio currículo, adequado à realidade e às necessidades da garotada.

“Suas idéias, que têm mais de 40 anos, estão na pauta da educação atual”, diz a professora Menga Lüdke, do Departamento de Educação da

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. De fato, os conceitos mais recentes sobre as competências para ensinar incluem a postura reflexiva, a capacidade de analisar a própria prática e a partir dessa análise efetuar ajustes e melhorias no trabalho de sala de aula.

Mas nem sempre foi assim. Muitas das propostas de Stenhouse foram desprezadas porque ele procurava resolver problemas – como o da autoridade do professor em sala de aula – com propostas educativas de efeitos de médio e longo prazo. E muita gente, dentro da própria escola, prefere soluções instantâneas.

A eficácia das teorias pôde ser comprovada enquanto ele ainda estudava o tema. No final dos anos 1960, trabalhando no Schools Council for Curriculum and Examinations (Conselho Escolar de Currículo e Avaliação), de Londres, ele criou e pôs em prática um currículo específico para atender jovens de classes populares – com excelentes resultados. Entre outras coisas, porque todos eram tratados com

respeito, algo fundamental nas relações escolares para Stenhouse. “Os estudantes rendem mais quando são recebidos e acolhidos com consideração”, dizia sempre. E isso, todo professor sabe, não é difícil. Basta estar aberto e ouvir a turma.

### Sem medo de aprender

Lawrence Stenhouse dizia que todo professor deveria assumir o papel de aprendiz. Esse é um tema recorrente no pensamento educacional. Muitos dos atuais programas e materiais de educação continuada partem exatamente desta premissa: quem mais precisa aprender é aquele que ensina. Quando o professor está aberto para aprender continuamente, deixa de se comportar como dono do saber. “Creio que a maior parte do ensino que se oferece nas escolas e universidades estimula esse erro”, afirmou o pensador na aula inaugural que proferiu na Universidade de East Anglia, na Inglaterra, em 1979, intitulada *Research as a Basis for Teaching* (A Pesquisa como Base para Ensinar). É por isso que muitas pessoas que passaram pela escola têm com o saber uma relação de pouca autonomia, entendendo-o como reafirmação da certeza autorizada. A elas foi negado o prazer de viver a aventura do conhecimento investigativo.

Stenhouse foi pioneiro em defender que o ensino mais eficaz é baseado em pesquisa e descoberta. Mais uma vez se pode identificar o pensamento desse notável pedagogo inglês em métodos muito atuais, como os projetos de trabalho. Para que eles funcionem, é preciso, como recomendava Stenhouse, que o professor deixe de colocar-se como autoridade cujo conhecimento não suporta contestação.

## “O pesquisador da educação e o docente devem compartilhar a mesma linguagem”

### A autoridade em sala de aula

Na década de 1970, Stenhouse fundou, junto com um grupo de colegas, o *Centre for Applied Research in Education, Care* (Centro para Pesquisa Aplicada em Educação), dentro da Universidade de East Anglia. Seu objetivo principal era elaborar um modelo de ensino no qual todo professor fosse capaz de manter a autoridade, a liderança e a responsabilidade em sala de aula sem transmitir a mensagem de que só o saber lhe confere esse poder.

Ele propôs, mais uma vez, um modelo de ensino baseado na pesquisa. Até hoje o *Care* tem como foco a necessidade de desenvolver nos docentes da Educação Básica a consciência de que a investigação ajuda – e muito – no dia-a-dia. Essa é a versão inglesa do professor reflexivo, idéia cara a outros pensadores europeus.

As experiências desenvolvidas na Inglaterra provaram que é possível ser mais autônomo e, ao mesmo tempo, agir de forma coerente com os valores e princípios do projeto educacional. Para Stenhouse, a investigação no cotidiano escolar deveria envolver, além dos professores, também os estudantes e a própria comunidade. É o que passou a ser chamado de pesquisa-ação: classes

### BIOGRAFIA

Filho de escoceses, Lawrence Stenhouse nasceu em Manchester, na Inglaterra, em 1926. Concluiu o mestrado em educação aos 30 anos. Foi docente da Educação Básica antes de iniciar carreira na universidade. Sua primeira experiência foi na Durham University. Depois se transferiu para o *Jordanhill College of Education*, em Glasgow, a capital da Escócia. Em 1966, foi convidado a assumir a direção do *Humanities Project* – um projeto de desenvolvimento curricular do Reino Unido. Nesse cargo, teve a oportunidade de transformar um conjunto de teorias em estratégias que educadores de qualquer nível de ensino podiam utilizar. Aproveitou para incorporar nesse projeto algumas de suas preocupações, como o direito do aluno ao saber, a conexão dos conteúdos escolares com o conhecimento de mundo e a importância do diálogo como método pedagógico. O projeto foi testado durante dois anos, até 1970. Em seguida, Stenhouse criou, com alguns colegas, o *Centre for Applied Research in Education*, na Universidade de East Anglia, na cidade britânica de Norwich. O objetivo do centro era compreender os problemas da prática docente, sem perder de vista a idéia do professor como pesquisador. Em 1975 escreveu *An Introduction to Curriculum Research and Development* (Uma introdução à pesquisa e ao desenvolvimento curricular), sua obra mais conhecida. Morreu sete anos mais tarde.



Professores de escola inglesa: o docente como aprendiz permanente

que servem de laboratório, mas permanecem sob o comando de professores, não de pesquisadores.

### Um projeto corajoso

A proposta do *Humanities Project*, do *Schools Council for Curriculum and Examinations*, era desenvolver um processo educativo que levasse em conta o indivíduo, sua relação com os demais na sociedade e os problemas decorrentes dessa interação. À frente do projeto, Stenhouse testou as hipóteses a que havia chegado, como parte de um processo de modernização pedagógica das escolas estatais. O objeti-

vo era provar que garotos e garotas pobres, ao concluir o ensino obrigatório, eram capazes de alcançar um nível intelectual só atingido, até então, pela elite. Também teve como foco pesquisar o perfil do educador de países democráticos que, em sala de aula, enfrentava discussões sobre questões éticas e de valor. O plano envolveu estudantes que haviam acabado de concluir sua formação e durou de 1968 a 1970. Cerca de 150 professores de 36 escolas da Inglaterra e do País de Gales puseram as idéias em prática. Ao final, os jovens conseguiam, de fato, travar discussões de alta qualidade.



Discussão em sala de aula: o consenso deve ser o objetivo do professor

### STENHOUSE NA ESCOLA: AUTONOMIA NO CURRÍCULO

Stenhouse estimulou a pesquisa na Educação Básica, mas dizia que o professor também deveria se preocupar em desenvolver o próprio currículo escolar. Para ele, esse processo se daria por meio da reflexão de cada profissional sobre sua prática diária – um conceito, sem dúvida, atual. Muitos afirmam hoje que o docente não deve ser um mero transmissor de conteúdos previamente definidos, mas um sujeito que pensa e analisa criticamente seu ofício. “A investigação é o único meio de construir um pensamento independente e não mais reproduzir o discurso alheio”, analisa a professora Menga Lüdke, da PUC do Rio. “Quem tem uma pesquisa competente como rotina fica mais autônomo e tem plenas condições de desenvolver um currículo próprio.” Sem esquecer o alerta deixado por Stenhouse: na hora de definir o plano curricular, é preciso sempre trocar experiências com os colegas e os estudantes.

### PARA PENSAR

Lawrence Stenhouse defendia a figura do professor-pesquisador. Ele julgava necessário que o docente tivesse pleno domínio da prática pedagógica e acreditava na investigação como único caminho para isso. Portanto, a investigação em sala de aula deve ser voltada para a prática. Não é um trabalho acadêmico e puramente teórico. A expressão pesquisa-ação, criada por ele e divulgada por seus seguidores, quer dizer exatamente isso: pesquisa que se faz do fazer e para melhorar o fazer do professor ou de outros profissionais. Dentro dessa concepção, você se considera um pesquisador? O curso de formação de professores está preparando os profissionais de amanhã a praticar essa pesquisa-ação, expressão cara não só para Stenhouse mas para todos que se dedicam ao aperfeiçoamento da prática pedagógica?

“Os professores que se destacam transformam o ensino na aventura da educação. Outros podem adestrar-nos”

### QUER SABER MAIS?

► **Cartografias do Trabalho Docente – Professor(a)-Pesquisador(a)**, Corinta Maria G. Geraldi, 336 págs., Ed. Mercado das Letras, tel. (19) 3241-7514, 37 reais  
► **O Professor e a Pesquisa**, Menga Lüdke, 112 págs., Ed. Papyrus, tel. (19) 3272-4500, 21 reais  
► **Pedagogias do Século XX**, vários autores, 160 págs., Ed. Artmed, tel. 0800 703-3444, 42 reais  
► No site [www.uea.ac.uk/care](http://www.uea.ac.uk/care) você tem acesso aos projetos desenvolvidos pelo *Care* (em inglês)